

LISA LISTER

Coach e terapeuta

# Witch

---

O PODER DO FEMININO

---

SEM AMARRAS  
SEM REPRESSIONES  
SEM REMORSOS



FAROL



# Índice

Introdução .....	7
Sobre o Livro .....	13
Abertura do Círculo .....	19
Capítulo 1: Despertar as Bruxas .....	23
Capítulo 2: Tipos de Bruxa	
Raízes, Tradições e Percorrer o Caminho .....	41
Capítulo 3: A Minha História	
Ciganas, Santa Sara Kali e a Reiniciação .....	69
Capítulo 4: A História Dela	
A Grande Mamã, o Patriarcado e a Caça às Bruxas .....	85
Capítulo 5: A Nossa História	
Recuperar a Bruxa, Recuperar o Seu Poder .....	101
Capítulo 6: A Ferida da Bruxa	
Remembrar as Suas Partes Desmembradas .....	115
Capítulo 7: Por Amor da Bruxa	
Polaridades, Contradições, Verdade e Extremos .....	129
Capítulo 8: A Força da Natureza	
ELA Que Não Pode Ser Controlada .....	139

## WITCH

Capítulo 9: A Criadora	
ELA Que Sonha, Manifesta e Faz Magia . . . . .	175
Capítulo 10: O Oráculo	
ELA Que Confia na Sua Intuição e Tudo Vê . . . . .	209
Capítulo 11: A Curandeira	
ELA Que Se Cura a Si Própria e Que Cura o Mundo . . . . .	229
Capítulo 12: A Feiticeira	
ELA Que É Encantada, Perigosa e Não Teme a Escuridão . . . . .	261
Capítulo 13: A Bruxa Despertou . . . . .	287
A Biblioteca «Despertar a Bruxa» . . . . .	298
Ferramentas . . . . .	299
Agradecimentos . . . . .	301



Agora é o momento

É esta a hora,

A magia é nossa

O poder é nosso.

— Filme *O Feitiço*, 1996



# Introdução

Mulheres, vivemos «tempos interessantes».

A sociedade, a natureza e a forma como interagimos umas com as outras, *tudo* isso está a mudar. Estão a ocorrer os primeiros movimentos, e muitas de nós — mais do que nunca — estamos a ouvir «O Chamamento».

Falei sobre O Chamamento no meu último livro, *Love Your Lady Landscape*<sup>1</sup>. É...

O Chamamento d'ELA, o divino feminino.

O Chamamento para nos erguermos, completamente enraizadas, na verdade de quem somos.

O Chamamento que nos pede para confiarmos em nós próprias.

É O Chamamento para que confiemos no nosso instinto, na nossa intuição, no poder da nossa vagina e na nossa sabedoria feminina inata. É O Chamamento para que saibamos que, ao fazê-lo, as nossas atuais estruturas hierárquicas antiquadas vão ruir. A princípio devagar, mas vão *efetivamente* ruir.

Pois, é ESSE chamamento.

Para muitas, ouvir O Chamamento parecerá uma espécie de recordação — talvez de uma vida passada, talvez do sussurro de uma antepassada, talvez de uma sensação nas profundezas do vosso ser. Seja o que for, é a recordação de quem a leitora foi antes de se ter esquecido.

É a recordação de quem era antes de o Patriarcado ter remetido toda a sua garra e poderes femininos para a escuridão, ter-lhes chamado tabu e, em seguida, ter-lhe ensinado a recear a escuridão.

---

<sup>1</sup> Ame A Sua Paisagem Feminina. [N. T.]

## Esta recordação está a despertar as bruxas.

Bruxa, um termo anteriormente empregado para demonizar, estigmatizar e reprimir está agora a ser recuperado. Mulheres de todo o mundo estão agora a empregá-lo ativamente como uma forma de se autodescreverem.

Sim, num mundo em que em tempos a palavra «bruxa» evocava imagens de velhotas cheias de verrugas debruçadas sobre um caldeirão, a bruxa foi alvo de uma profunda revisão de imagem no século XXI. Longe de ser sobre a prática de artes obscuras, o movimento da bruxa moderna é sobre o empoderamento feminino.

As mulheres estão a reunir-se em círculos — tanto online como presencialmente — para celebrarem as diferentes fases do ciclo lunar. Estão a realizar rituais em honra das estações, e a lançar feitiços para curarem, manifestarem e redescobrirem a sua própria magia.

### A bruxa está a despertar.

A bruxa representa esse nosso lado que foi censurado, ignorado, castigado e demonizado. E é um lado que quer — não, que *precisa* de — ser acedido e inteiramente expressado.

É frequente perguntarem-me: «Por que será que as mulheres têm medo de falar abertamente, de ser ouvidas e de se expressarem verdadeiramente?»

Quer saber a minha resposta? Porque temos receio da bruxa que existe dentro de cada uma de nós.

A bruxa é uma mulher com os seus *plenos* poderes.

Ela está à vontade com a escuridão. Ela sabe como testemunhar, como se desprender das coisas e como seguir os próprios conselhos. Mas, mais importante ainda, ela questiona TUDO.

Ela está ligada, numa ligação direta da vagina à Terra.

Ela ouve os sussurros das que vieram antes dela e sente os segredos ancestrais que guarda nos ossos. Ela é quem tem a *certeza absoluta* de que a vida é muito mais do que aquilo que aparenta.

Ela faz tremer as construções de poder hierárquico à sua passagem.

Ela sabe que, a qualquer instante, pode sentir-se desorientada, ser uma mulher graciosa e bela, sentir-se zangada e cheia de mágoa, amada e saciada, cansada e carinhosa ou sensível e vulnerável.

Ela também sabe que, em certos momentos, pode ser tudo isso em simultâneo.

### **Ela é um todo.**

E sabe o que é uma mulher que é um todo? Bem, é uma ameaça realmente *assustadora* para quem não for completamente íntegro — quem não estiver em completa sintonia com a verdade de quem é e o que defende. Incluindo nós próprios e os nossos delicados egos, certo?

A bruxa está a lembrar<sup>2</sup> (a reintegrar todos os aspetos dela que foram desmembrados, por forma a tornar-se novamente um todo) e a retornar ao seu estado natural.

Esse nosso lado que em tempos esteve anestesiado, domesticado e adormecido por meio da alimentação (ou das compras, dos medicamentos e da comunicação social) está agora a despertar em todas nós. E é essa nossa totalidade, a nossa intuição, a nossa magia e o nosso poder — o poder que reside entre as nossas pernas — que vai *realmente* mudar o mundo.

**Portanto, bruxas, é chegada a hora de despertar.  
É chegada a hora de lembrar.  
Por nós próprias e pelo nosso planeta.**

É chegada a hora de lembrar que ser bruxa é ser uma mulher poderosa num mundo em que, durante milhares de anos até agora, as mulheres se sentiram terrivelmente impotentes.

E é por essa razão que, sempre que a bruxa «moderna» — a que usa batom escuro e uma coroa prateada em forma de quarto crescente e um sutiã decorado com cristais — leva uma vassourada verbal de uma bruxa «mais tradicional», sou obrigada a confrontá-la.

---

<sup>2</sup> «Remembrar», ou seja, «voltar a lembrar; relembrar». [N. T.]

É certo que pode ser tentador desvalorizar alguém como sendo «superficial» ou acusá-la de transformar o ser «bruxa» em mais uma moda consumista e desprovida de qualquer conteúdo; mas por baixo de toda essa embalagem lustrosa está uma mulher a despertar para os seus próprios poderes.

Por isso, não importa se a leitora se autodenomina bruxa porque uma revista qualquer publicou um artigo de duas páginas inspirado no filme *O Feitiço* (ADORO esse filme, caramba!), ou porque é uma bruxa hereditária que provém de uma linhagem que a ensinou a ler as cartas de tarot, a utilizar ervas e a fazer essências para feitiços (é o meu caso). Em ambos os casos, saiba o seguinte: apelar-se de bruxa é uma responsabilidade do caracas.

Acarreta poder.

Poder FEMININO.

Reivindicar essa palavra e identificar-se como bruxa *fará* com que recupere o seu poder, porque ser bruxa é algo que está profundamente enraizado.

### **Enquanto mulheres, carregamos as histórias — a dor e o medo — das mulheres que vieram antes de nós.**

Carregamos as histórias das mulheres que foram perseguidas, queimadas, afogadas, torturadas e silenciadas devido ao seu poder; e carregamo-las no nosso próprio ADN. Por isso é que despertar e recuperar a bruxa que existe dentro de nós exige um grande par de ovários.

Se pretende fazê-lo, terá de reconhecer nas profundezas do seu útero que é:

- Uma mulher que é poderosa. Sangra durante cinco dias e não morre: não me diga que isso não faz de si uma autêntica super-heroína.
- Uma Força da Natureza que conhece as fases da Lua, as estações do ano, a Mamã Natureza e o próprio corpo — e é capaz de utilizar tudo isso para o bem.
- Uma Criadora capaz de manifestar e fazer a magia de que o planeta precisa atualmente.



## INTRODUÇÃO

- Um Oráculo com visão, intuição e clarividência de adivinha.
- Uma Curandeira que cria o bálsamo necessário para ajudar a sarar a enorme e profunda ferida causada pelo Patriarcado.
- Uma Feiticeira capaz de ao mesmo tempo encantar e ser perigosa.

É tão simples como isto; se se autodenominar bruxa, terá de estar preparada para lidar com tudo o que isso implica. É uma lição que eu e a Sarah Durham Wilson — minha amiga, bruxa e irmã de *coven* (nesta vida e em muitas outras antes desta) — discutimos e experienciamos vezes sem conta.

É por isso que estou a escrever este livro.

Tudo o que nele partilho é um projeto de recuperação por ordem d'ELA, da Deusa, da Mãe Divina.

Irá solicitar a TODAS nós que assumamos a responsabilidade de recuperar a palavra «bruxa» e tudo o que ela representa e simboliza. Ah, e para que saiba, ser bruxa nada tem que ver com a maneira como nos vestimos, que cristais utilizamos ou qual a nossa linhagem de bruxa.

Em vez disso, tem que ver com ser uma mulher capaz de reconhecer, orientar-se, exigir, confiar e utilizar os poderes de criatividade e manifestação que a Deusa lhe deu, a sua visão, a sua intuição e clarividência, os seus ritmos e natureza cíclica, e a sua capacidade de experienciar COMPLETAMENTE a escuridão por forma a servir a luz. E ela fá-lo não só para se sarar a si própria como também a família, a comunidade e, por fim, o mundo dela.

Esqueça a história, ou seja, «A História Dele». Este livro é um lembrar, um reescrever e um recontar da História DELA.<sup>3</sup>

**Esta é a história mais importante NUNCA contada.  
É a NOSSA história.**

Este livro é uma resposta ao facto de, durante vários séculos, as mulheres terem sido perseguidas por causa do seu poder. Pelo facto de mulheres como a minha avó terem sido forçadas a falar sussurradamente sobre a magia que

---

<sup>3</sup> Trocadilho com a palavra *history* (história), sendo que *his* significa «dele», *her* significa «dela» e *story* significa «história, conto». [N. T.]

faziam. Pelo facto de mulheres como a minha mãe terem virado as costas a esse poder e terem-no abandonado por completo, com receio de serem alvo de troça e juízos de valor.

É nossa responsabilidade como mulheres a vivermos aqui e agora recuperar a palavra «bruxa» e reagir a tudo o que ela invoca em nós.

Está preparada?

Então avance até ao fogo — o mesmo fogo que em tempos foi utilizado para nos silenciar. Permita que todo o medo, dor, raiva e injustiça *ardam*.

Sinta o calor tocar-lhe nos dedos dos pés.

Agora, exija o seu poder e desperte a bruxa.

**É hora.**

É hora de se reunir em círculos por forma a recordar a sua verdade, a sua sabedoria e a sua verdadeira natureza.

É hora de confiar em si própria e de confiarmos umas nas outras.

É hora de nos ligarmos à Natureza, à Mamã Natureza e respetivos ciclos, e ao espaço liminar que existe pelo meio.

É hora de nos ligarmos a ELA, o divino feminino. De recordarmos que ELA somos nós e que nós somos ELA.

É hora de nos ligarmos a ELE, o divino masculino, porque sermos um todo é aquilo que todos buscamos.

É assim que sempre foi; e por forma a restabelecermos o equilíbrio em nós próprias e no planeta, é assim que tem de voltar a ser.

Junte-se a mim no círculo; porque, mulher, é hora. ESTA é a hora das bruxas.

LISA



# Sobre o Livro

Este livro é essencialmente a *minha* visão, a maneira como *eu* faço as coisas.

Será diferente das tradições de muitas outras bruxas, mas ao mesmo tempo a leitora encontrará imensos paralelos.

Há muitas maneiras de ser bruxa, e a palavra significa coisas diferentes para pessoas diferentes.

A minha sugestão?

Não se prenda demasiado aos pormenores.

Leia este livro de uma ponta à outra, utilize-o como ferramenta de adivinhação ou durma com ele debaixo da almofada. Faça o que fizer, saiba que o que partilho nestas páginas é a minha experiência e a minha prática.

Não sou todas as mulheres. Não sou todas as bruxas.

Algumas partes deste livro falar-lhe-ão ao coração porque a leitora estará a recordar o que já sabe. Com outras partes talvez discorde profundamente e não há problema nenhum nisso. Não escrevo livros para lhe dizer como «deve» fazer as coisas, escrevo-os para acender a faísca de reconhecimento e recordação no seu útero, âmago e corpo.

**Aquilo que decide fazer com o que recorda  
é que faz acontecer a magia verdadeira.**

NOTA: neste livro, falo imenso sobre como a bruxa não pede desculpa por quem é. No entanto, enquanto reunia as minhas inúmeras páginas de apontamentos manuscritos para dar forma a este livro, senti uma necessidade avassaladora de me desculpar por escrever um livro especificamente sobre as mulheres enquanto bruxas.

Pensei:

Vou irritar as bruxas tradicionais por não ser «bruxa» o suficiente.

Vou irritar os pagãos por não incluir todos os caminhos possíveis.

Vou irritar os homens por não me referir a eles como bruxos.

Vou irritar a comunidade transgénera por também não os referir.

**No entanto, este é o trabalho que eu faço.**

Faço trabalho de mulher e de modo algum tenciono pedir desculpa por isso. Esse pensamento? Essa necessidade de me desculpar? É precisamente a razão por que TENHO de escrever este livro.

O que partilho NÃO pretende excluir os outros. Mas tentar ser *inclusiva* seria ir contra o objetivo deste livro. Seria como se passasse ao lado da história específica que acredito que precisa de ser contada; porque embora algumas mulheres incríveis e corajosas tenham vindo antes de nós e tenham preparado o terreno, ainda há muito trabalho para ser feito.

Por forma a desempenharmos o nosso papel no desmantelamento do Patriarcado — o constructo que quer manter-nos afastadas, e desligadas, de nós próprias e umas das outras —, precisamos de lembrar/recordar as ferramentas e o poder que a Deusa nos concedeu à nascença.

Eu sou uma bruxa hereditária, o que significa que nasci numa família que praticava a sua própria forma de magia cigana. Virei-lhe as costas durante uns anos, para levar a cabo «a importante tarefa» — pigarreio — de andar atrás de *boy bands*, andar aos beijos e ser uma adolescente não gozada por ser a «miúda cigana».

Mas depois, quando a minha avó faleceu, ela passou a falar comigo nos meus sonhos; e encorajou-me insistentemente a regressar à minha magia.

Então, e como acontece com a maioria das coisas que faço, apliquei-me a fundo.

Estudei não só as práticas da minha própria tradição cigana como também a bruxaria em *todas* as suas formas, ao longo de mais de dez anos, incluindo:

- A Stregheria, de Itália.
- As raízes e os ossos do Hoodoo.
- As mulheres xamãs.
- As curandeiras maias.
- As tradições gardneriana e alexandrina da Wicca.

Como tal, a minha prática pessoal tornou-se muito eclética; mas no meu âmago venero essencialmente a Mãe Divina. Além disso, e de modo controvérsio, invoco a Maria Madalena e a Kali Ma como minhas irmãs bruxas de *coven*.

Utilizo as estações da Mamã Natureza, os ciclos da Lua e o meu próprio ciclo menstrual para me ligar e aprimorar a minha arte.

Lanço feitiços, trabalho com plantas medicinais e não há coisa de que goste mais do que estar nua sob uma lua cheia e uivar.

AUUUUUUUUUUUU.

A «arte», hoje em dia, assenta na ideia de que a bruxaria e as práticas antigas se perderam, foram esquecidas e/ou corrompidas. O que significa que cabe a mulheres como eu e a leitora tentarmos redescobri-las e torná-las relevantes para o mundo em que vivemos hoje.

Para mim, a essência de uma bruxa é alguém que confia na sua autoridade interior e que utiliza a sua própria magia pessoal para se orientar e para ajustar o ambiente em que se encontra atualmente.

Isto, estou certa, irá provocar uma série de revirares de olhos por parte das tradicionalistas e das que praticam tradições específicas da arte. Que assim seja.

Neste livro, irei apresentar-lhe algumas das inúmeras tradições de bruxaria e respetivas práticas. Encontrará feitiços para experimentar e páginas do meu próprio Livro das Sombras... mas quero deixar algo perfeitamente claro: nada disto é *realmente* necessário.

São apenas estímulos para a recordar de que deverá confiar em si própria, retornar à raiz da arte — a arte das sábias, a arte das mulheres sábias —, em que as bruxas eram mulheres xamãs que trabalhavam com sonhos, visões, ervas e encantamentos.

NOTA: não estou a sugerir que largue o seu *iPhone* e as suas redes sociais e que retorne às práticas antigas. Em vez disso, estou a pedir-lhe que recorde e que, depois, faça com que essa recordação seja relevante para a sua vida atual.

Estamos tão acostumadas a receber um plano de cinco pontos ou um livro de instruções para fazer tudo que deixámos de confiar em nós próprias. Por isso o que sugiro é que permita que tudo o que ler neste livro seja como um piscar de olhos cósmico — uma estocada com a ponta da vassoura para que confie no seu coração, no seu instinto e no seu espaço uterino para lhe servirem de guias.

**Não precisa de um intermediário para se ligar à origem e à sua sabedoria interior. Simplesmente pouse os pés na Mamã Terra, deixe-se ficar quieta ou crie uma oração ou um encantamento.**

Sinceramente, os feitiços mais poderosos e eficazes com que alguma vez trabalhará serão aqueles criados por si. Estarão especificamente sintonizados de acordo com os seus requisitos e carregados com a sua própria criatividade, paixão e magia feminina.

Como tal, convido-a a experienciar a leitura deste livro como se fizesse parte de um *coven* não muito secreto.

Quero que, ao abrir este livro para o ler, independentemente do lugar onde se encontrar no mundo e da hora do dia, esteja sentada num círculo aberto ritualisticamente por uma guia que percorra o caminho e todos os seus extremos.

Quero que se sinta rodeada por um *coven* de mulheres sábias e que pensam da mesma maneira, curandeiras e guardiãs da medicina — bruxas —, como se atrás de si estivessem todas as mulheres que vieram antes, desde os primórdios do tempo.

Todas estamos lá, a ampará-la, a apoiá-la e a amá-la, enquanto lê e se prepara para se tornar uma bruxa completamente desperta e para recuperar o seu poder.

Antes de entrar num círculo, tomo sempre um banho de imersão ritual; e é precisamente por aí que recomendo que a leitora comece.

### ≡ *Um Banho Ritual* ≡

O propósito deste banho é limpá-la de todas as energias negativas e prepará-la física, mental e espiritualmente para o círculo. Por norma, executar este rito imediatamente antes de entrar no círculo: é um remédio para a bruxa, um curativo para a curandeira e uma forma de se embeber totalmente no poder e na presença do seu próprio ser.

Trata-se de um banho ritualístico que uso pessoalmente antes dos círculos; mas confie em si própria, bruxa. Permita que a sua intuição a conduza às ervas e aos óleos essenciais de que necessita no momento.

(É claro que deverá consultar as possíveis contra-indicações caso tenha algum problema de saúde específico ou esteja grávida.)

*Irá necessitar de:*

- Água sagrada (tenho a sorte de visitar regularmente Glanstonbury, uma cidade aqui no Reino Unido impregnada de magia e folclore. É costume ir buscar água às fontes Vermelha e Branca sempre que as visito, mas quer saber uma coisa? A água sagrada é qualquer água que provenha naturalmente da Mamã Terra: água do mar, água da nascente ou água do rio. Ou, caso a leitora more no interior, faça a sua própria água sagrada acrescentando sal à água da torneira e colocando-a num altar, por forma a ser benzida antes de a utilizar.)
- Sal rosa dos Himalaias ou sais de Epsom
- Três raminhos de alecrim
- Um cristal de quartzo rosa
- Pétalas de rosa vermelhas e cor-de-rosa
- Quaisquer ervas que sinta vontade de acrescentar (consulte o Herbário da Bruxa no Capítulo 11)
- Óleo absoluto de rosa
- Uma vela
- Vinho ou outra libação da sua escolha, para ser bebida no final do rito

*O que fazer:*

Coloque na água do seu banho três copos pequenos de sal dos Himalaias, o quartzo rosa, os raminhos de alecrim, algumas gotas da sua água sagrada, as pétalas de rosa e cinco ou seis gotas de óleo absoluto de rosa.

Unta a vela com o óleo absoluto de rosa e, em seguida, acenda-a.

Entre lentamente na água e visualize-a a limpá-la de todas as vibrações negativas. Saiba que essas energias fluem do seu eu físico, mental e espiritual para a água. Descontraia-se e desfrute do calor da água, dos aromas no ar e da sensação de estar a ser limpa de toda a negatividade.

Deixe-se levar.

Enquanto se banha, aproveite para definir uma intenção e concentre-se no propósito do seu ritual. Por que motivo comprou este livro? Está preparada para despertar a bruxa que existe dentro de si? Para reclamar o título «bruxa» como seu?

Visualize o seu propósito e sinta que está verdadeiramente preparada.

Quando se sentir preparada, destape o ralo e permaneça dentro da banheira até toda a água ter desaparecido. Deixe que o banho leve quaisquer pensamentos e padrões de que não mais necessitará para o seu caminho. Enquanto a água desaparece, visualize e saiba que as energias negativas, agora na água, irão para a terra para um processo de enraizamento.

**Levante-se da banheira e faça uma autobênção:**

Unte cada parte do seu corpo com a água sagrada, ao mesmo tempo que profere, em voz alta:

*Abençoada seja a minha mente que aprende o caminho da bruxa.*

*Abençoados sejam os meus olhos que viram este dia.*

*Abençoados sejam os meus lábios que pronunciam os vossos nomes e guardam os vossos segredos.*

*Abençoados sejam os meus seios formados em força e beleza.*

*Abençoado seja o meu útero por ser o santo graal, o caldeirão e o guardião dos mistérios.*

*Abençoados sejam os meus joelhos que se ajoelharão no meu altar.*

*Abençoados sejam os meus pés que me ajudam a percorrer este caminho.*

Sirva um copo de vinho ou de sumo verde — a libação é uma escolha *inteiramente* sua — a ELA e a ELE, e depois beba um trago.

Seque-se; e quando estiver pronta, limpe a casa de banho e leve a libação para a rua, para a devolver à terra (ou despeje-a dentro do vaso de uma planta, caso seja uma bruxa urbana moderna).

O rito está concluído.

Que assim seja!







# Abertura do Círculo

## **Visualize-se a entrar num círculo de bruxas.**

O ar está carregado com o fumo de artemísia queimada — uma erva de limpeza que adoro utilizar para defumação. Uma fogueira arde, as chamas envolvendo os galhos de árvore partidos; e algumas mulheres estão reunidas à volta da mesma.

Venha juntar-se a nós.

Olhe em redor do círculo e permita que os seus olhos se cruzem com os das mulheres que estão reunidas consigo. Talvez reconheça algumas delas... ou talvez não.

Podem ser desta vida ou talvez não.

Uma irmã entoava repetidamente os vários nomes dados à Mãe Divina: «Ísis, Astarte, Diana, Hécate, Deméter, Kali, Inanna», das profundezas do útero dela.

Tudo isso lhe parece ancestral e intemporal.

A leitora está em *casa*.

## ≡ *A Invocação* ≡

Feche os olhos. Respire fundo. Descontraia as mãos, com as palmas viradas para cima, e esteja pronta para receber. À medida que anuncio cada um dos quartos (direções), vire-se de frente para essa direção: iremos trabalhar no sentido dos ponteiros do relógio.

**Primeiro, viro-me para este e para o elemento Ar.** Convido-te a soprar para longe o velho e a trazer o novo. Ajuda-nos a aceitar os ventos da mudança e a não lhes oferecer resistência.

Salve e bem-vindo.

**Em seguida, para sul e o elemento Fogo.** Convido-te a queimares os arrependimentos, a ateares o fogo da paixão e do desejo, e a seres a chama que acende a luz dos outros, quando mergulhados na escuridão.

Salve e bem-vindo.

**Depois para oeste e o elemento Água.** Convido-te a lavares-nos, a saciares a nossa sede, a nutrires-nos, a permitires que exploremos o fluxo e o refluxo das nossas emoções, e a purificar os nossos pensamentos.

Salve e bem-vindo.

**Por fim, para norte e o elemento Terra.** Segura-nos e apoia-nos enquanto desenvolvemos raízes fortes, para que possamos erguer-nos.

Salve e bem-vindo.

**Mamã Terra, Pai Céu, Avó Lua, Avó Sol, Nações Estelares e os mistérios que existem pelo meio** — acompanhem-nos, apoiem-nos e guiem-nos no nosso círculo.

**Antepassadas, bruxas e mulheres sábias que vieram antes de nós,** por favor, juntem-se a nós, sentem-se connosco e guiem-nos no círculo.

**ELA, divino feminino, senhora de tudo o que é,** solicito a tua presença e a tua bênção. Por favor, limpa o espaço de qualquer energia pesada; e enche-o de amor, regeneração e verdade.

**ELA,** peço-te que trabalhes através de mim, que trabalhes através de nós, e que garantas que ouvimos e sentimos aquilo de que mais necessitamos, enquanto experienciamos este círculo, este livro e o nosso caminho juntas. Que assim seja.



Independentemente do local onde a leitora se encontra no mundo, estamos a agarrar um espaço sagrado e corajoso juntas. E para que saiba: quanto mais forte o recetáculo, mais forte a magia.

Há milhares de anos que as mulheres fazem isto, reunindo-se, criando e mantendo o espaço juntas — guardando e preservando mistérios e segredos além do espaço e do tempo, porque é isso que as bruxas fazem.

Bruxa corajosa e selvagem — estou a falar de si, atenção —, obrigada por ter aparecido, por estar aqui e, acima de tudo, por ser quem é.



Não decidi tornar-me bruxa.

Recordei que o era.

Capítulo 1

# Despertar as Bruxas



**Fevereiro de 2016.** *Estou sentada no Café Gratitude, em Venice Beach, com a Dana Gillespie, criadora da aplicação de registo menstrual My Moontime, e a Holly Grigg-Spall, autora do livro Sweetening the Pill. Em jeito de brincadeira, dizemos que as três somos a porra da Santíssima Trindade das bruxas dos tempos modernos, reunidas em torno de uma tigela de comida supersaudável, numa zona hipster de Los Angeles.*

As três fazemos o trabalho de mulheres.

Falamos sobre vaginas, úteros, períodos e o poder que temos entre as pernas — em voz alta e em público.

Fazemos o trabalho pelo qual as mulheres que vieram antes de nós teriam sido perseguidas e assassinadas.

Embora a caça às bruxas já não resulte em mortes (pelo menos não em Los Angeles), as três continuamos a ser massacradas pelo que fazemos. A Holly já foi informada de que poderá receber ameaças de morte devido ao do trabalho incansável que faz para chamar a atenção para os efeitos nocivos que a pílula contraceptiva tem na saúde e no bem-estar das mulheres.

A Dana já foi questionada e apelidada de «maluca» por parte de mulheres na área da educação para a fertilidade, por o trabalho dela não ser consistente com as rigorosas crenças delas.

E eu? Sou criticada por ser «excessiva». Chamam-me nomes e o meu corpo, sexualidade e crenças são julgadas e presumidas devido ao trabalho que partilho com o mundo.

Nesse dia em fevereiro, conversámos sobre a popularidade da bruxa e sobre a citação agora tão famosa por esse *Instagram* fora: «Somos as netas das bruxas que vocês não conseguiram queimar.» A Dana riu-se e disse: «Esqueçam esse lema! Eu sou a bruxa que vocês queimaram DE FACTO, vezes sem conta, e estou de volta, meus sacanas!»

Desatámo-nos a rir; e enquanto mexia o meu sumo de beterraba e couve-kale com uma palhinha amiga do ambiente, a verdade dessa

afirmação ressoou qual tambor — ancestral e familiar — nas profundezas do meu útero.

É que carrego em mim as feridas e as cicatrizes de várias vidas a ser queimada e constantemente perseguida. Manifesta-se como vergonha, medo, culpa e ansiedade (e mais uma catrefada de variações dessa mesma temática).

E aposto que a leitora também o sente.

Por essa razão é que — não obstante o medo e a apreensão que sentira em relação a escrever este livro —, ali sentada no Café Gratidão com as minhas colegas bruxas de útero, declarei: «Sim, nós ESTAMOS DE VOLTA; e desta vez vamos reaver o nosso poder. Está na hora de despertar as bruxas!» Não houve fanfarra, marchas ou grandes aplausos: somente uma verdade enraizada na vagina.

*Avançemos para maio de 2016. Encontro-me numa zona ELA sagrada em Malta, uma ilha no mar Mediterrâneo, na companhia de oito mulheres que ouviram e responderam ao Chamamento. Esse Chamamento foi emitido sob a forma de um convite para a minha lista de contactos de e-mail, para que se juntassem a mim num Templo de Poder ELA nesta ilha sagrada. Tratou-se de um convite para despertar a bruxa, sem qualquer plano — somente uma reunião de corações e úteros para se juntarem em cerimónia e recordarem.*

*Juntas somos nove mulheres.*

É noite de lua cheia: uma lua cheia forte e poderosa. É uma Lua sob a qual todos os nossos ciclos menstruais se sincronizaram, não obstante estarmos juntas somente há três dias.

Em círculo, com os pés descalços e os corações e braços abertos, convido essas mulheres a repetirem comigo:

**«Reclamo o meu poder. AGORA.»**

Repetimo-lo três vezes de forma espontânea — porque quando as mulheres se juntam desta maneira raramente é necessário qualquer incitamento. Então, damos as mãos e entoamos:

**«NÓS reclamamos o nosso poder. Agora.»**

É visceral, sentimo-lo nos ossos.

É um convocar e um invocar da sabedoria e poder femininos ancestrais existentes na Terra sob os nossos pés. Onde ELA — a Mãe Divina, a Deusa, o divino feminino — tem sido empurrada, reprimida, pisada e mantida no exílio.

Juntas, em círculo, sob essa lua cheia de maio, *atrevemo-nos* a reclamar o nosso poder. Fizemo-lo por nós próprias — por si, por mim, por todas as mulheres que vieram antes de nós e por todas as mulheres que virão depois.

Foi a evocação mais poderosa que alguma vez experienciei.

E, ao olhar cada uma dessas mulheres nos olhos, vi o meu próprio reflexo.

Vi mulheres que eram mães. Mulheres que eram escritoras e artistas. Mulheres que, no seu dia a dia, eram empreendedoras e guardiãs da medicina.

Vi mulheres que se atreveram a formar um círculo: implacáveis, vulneráveis, fortes, inexperientes, delicadas e abertas à ideia de percorrerem os seus próprios limites. Mulheres que, ao longo desses três dias, se reuniram para partilhar histórias, fazer magia, decifrar e expor a verdade.

Vi a Mamã Terra.

Vi a Mãe Divina.

Vi as Ancestrais.

Vi todas as mulheres que vieram antes.

Vi todas as mulheres que virão depois.

Vi também o seu reflexo, leitora.

E foi sob ESSA lua cheia, numa cerimónia com ESSAS mulheres, NESSA terra sagrada, que reclamei verdadeiramente o meu título enquanto bruxa com um poder sem limites...

... Não obstante ser uma bruxa de terceira geração.

... Não obstante ter-me reiniciado a mim própria na arte, mergulhando nua na Fonte Branca que borbulha na barriga da montanha Tor em Glanstonbury.

... Não obstante ter experienciado toda a força e magia da Mamã Natureza e respetivos ciclos de morte e renascimento (repetidamente).

... E não obstante ter participado em inúmeros rituais de grupo e celebrações de Sabat (assim como ter organizado muitos de forma solitária).

### Porquê?

Bem, houve uma altura em que teria respondido que designações e títulos não eram importantes. E, em muitos aspetos, continuo a acreditar nisso.

Mas no que diz respeito à palavra «bruxa»? É importante, sim.

É MUITO importante.

Ser bruxa é lembrar/recordar.

É o GRANDE lembrar/recordar.

É o recordar quem era antes de se ter esquecido.

E depois é o trabalho/viagem/busca/aventura de uma vida para se religar — repetidamente — ao seu saber esquecido.

Convido-a a começar a religar-se a esse saber esquecido aqui.

### A Bruxa

Em cada mulher há uma criatura.

Ela é selvagem e é um reflexo da Natureza.

Ela é uma força poderosa.

Ela é uma fonte de poder.

Ela é intensa, criativa e profundamente intuitiva, e tem um saber mais antigo do que o próprio tempo.

O nome dessa criatura?

A bruxa.

A bruxa é muitas vezes descrita como uma mulher feia e assustadora que faz coisas más, mas isso NÃO é a verdade.

Ela é muitas vezes vista como uma lançadora de feitiços, uma tecedora de artes negras e alguém que cria bruxedos e maldições. E, hum, isso ÀS VEZES é verdade.

Raras vezes, porém, a bruxa é vista como uma mulher sábia, uma fonte de poder e uma força da Natureza.

E, no entanto, essa é EFETIVAMENTE a verdade.

### **Esqueça tudo o que lhe disseram sobre as bruxas.**

Esqueça as imagens do obscuro, da velha feia ou do proibido. Esqueça as três bruxas na peça *Macbeth*, de Shakespeare. Esqueça as velas pretas,



as vassouras, o veneno, os encantamentos maléficos, Satanás e caldeirões — e, em vez disso, permita-me que lhe conte uma história diferente.

Trata-se de uma história em que deixará de temer a palavra bruxa.

Uma história em que descobre que o medo que experienciou fez parte de um plano patriarcal com mais de três mil anos para a manter afastada do seu próprio poder feminino inato.

Uma história em que é convidada a recuperar a palavra bruxa.

A assumi-la.

Completamente.

E, mais importante ainda, é convidada a assumir o poder inerente a essa palavra.

## O Que É Uma Bruxa?

Uma bruxa é uma mulher que não pede desculpas por ser quem é.

Ela alquimiza experiências e emoções.

Ela é uma mulher com poder, ação e soberania... e ela tem tudo isso nos SEUS próprios termos.

Ela cria e manifesta.

Ela tem recursos próprios.

Ela comunga livremente com a Natureza/Espírito/Deus/Deusa/uma-definição-qualquer-à-sua-escolha sem precisar de um intermediário.

Ser bruxa é ser uma mulher no seu pleno poder.

É ser alguém que confia na sua autoridade interior e que não procura validação e/ou aceitação fora de si própria. É ser alguém que utiliza a sua própria magia pessoal para se orientar e gerir o ambiente onde se encontra atualmente.

## O Chamamento

Já falei um pouco sobre O Chamamento neste capítulo. Trata-se dessa poderosa atração que sente — esse convite que mais parece uma ordem — da parte de algo ao mesmo tempo maior do que a leitora e que reside nas profundezas do seu próprio coração.

O Chamamento pode assumir uma forma diferente para cada mulher. Para si, talvez se pareça como:

- Uma necessidade de ler TODOS os livros sobre a arte de criar feitiços.
- Uma necessidade de lutar pelos direitos das baleias.
- Uma necessidade de lutar pela Mamã Terra ou por outra causa importante que lhe fale ao coração.

Ou pode não ter qualquer forma — ser apenas uma sensação muito desconfortável.

De qualquer modo, porque a bruxa esteve abaixo da superfície durante tanto tempo, o mais certo é O Chamamento que está atualmente a experimentar ser doloroso. Não é de admirar: está a ser-lhe pedido para se orientar numa zona inexplorada da sua vida, e para despertar e cultivar deliberadamente a bruxa que existe dentro de si, para que ela possa alcançar o seu potencial máximo.

**Que fique bem claro:  
não precisa de ser wiccana ou pagã para ser uma bruxa.**

Aliás, nem sequer precisa de saber o significado desses dois termos. Basta ter a noção profunda de quem é por baixo de todo o ruído, rótulos e mensagens sociais.

Por isso é que as suas raízes, bem como as práticas e as tradições que as acompanham, são o melhor local por onde começar a despertar a bruxa que existe dentro de si.

Eu? Sou cigana, *yogini* e mulher xamã — por isso, vá-se lá saber... Essencialmente, sou uma bruxa cigana. A minha linhagem materna é Viajante Irlandesa e a paterna é Roma.

Ambas as minhas avós utilizavam ervas, chás, essências, óleos e poções para manifestarem, curarem e criarem sorte para as nossas famílias, e para as famílias na nossa comunidade.

Ambas possuíam o dom da vidência; e através de sonhos, conhecimento intuitivo, cartas de tarot e práticas de adivinhação conseguiram prever o nascimento e o sexo dos bebés. Também previam dramas familiares que ainda não tinham ocorrido e sabiam quando é que a escassez de dinheiro estava iminente (altura em que os meus tios eram mandados procurar mais trabalho).

A minha avó Roma, contudo, tinha um pouco do lado mais obscuro. Era localmente conhecida pela sua capacidade de lançar uma maldição (alguns ex-namorados meus também já disseram que possuo essa mesma capacidade. Jamais o confirmarei ou negarei. Pigarreio) E embora, para muitos, a ideia de cigana evoque imagens incrivelmente românticas de carroças pintadas de cores garridas, lenços na cabeça e argolas nas orelhas, a realidade da vida cigana é... bem, digamos que NÃO é essa.

Quando contamos as histórias das bruxas que vieram antes de nós, falamos frequentemente na perseguição de que foram alvo. Voltamos atrás na história e discutimos os julgamentos de bruxas tanto na Europa como também na América (leia mais sobre este assunto nas páginas 94-95).

Mas, para os Roma e os Viajantes, a perseguição continua a ser uma experiência quotidiana muito real. A minha avó Roma, que usava toda a sua fortuna sob a forma de joias de ouro à volta do pescoço e nas orelhas, estava sempre a dizer-me: «Não confies nos *gadje*! Nunca confies neles, ‘tás’ouvir?»

A perseguição e a desconfiança eram, e continuam a ser, reais.

Por isso, sei que as minhas duas avós ficariam furiosas comigo por escrever este livro.

Por estar a partilhar os nossos segredos e por me expor enquanto bruxa.

E quanto à minha mamã?

Bem, ter-lhe-ia dado uma coisinha má.

É que a minha mãe foi uma grande vidente e sonhadora. Tinha visões e percepções, e recebia informação durante os seus sonhos. (Só o descobri nos últimos meses da vida dela, quando me deu o seu diário de sonhos, cheio de símbolos e sinais que irei provavelmente passar o resto da minha vida a decodificar.)

No entanto, escolheu virar as costas ao seu dom e à sua conexão enquanto bruxa cigana durante maior parte da vida dela, por causa do sempre presente receio de ser perseguida.

Se quer que lhe diga, a minha mamã viveu com medo de quase tudo.

Tinha medo do escuro, de voar, de conduzir, de aranhas e de pessoas com poder. Na maior parte dos dias, tinha medo da própria vida; e a vida dela foi pequena e pouco realizada por causa disso.

---

<sup>1</sup> Os *gadjes* são os não ciganos. [N. T.]

Quando tomei a decisão de me reiniciar como bruxa submergindo-me na Fonte Branca em Glastonbury (leia sobre isso na página 79), ela ficou apavorada, com receio de que eu contasse *realmente* a alguém.

Que dissesse em voz alta: «Sou bruxa.»

Que as amigas dela viessem a descobrir.

Que as pessoas não me dessem emprego.

Que as pessoas não me falassem.

Mandava-me calar sempre que eu falava sobre isso num tom demasiado alto. Mesmo dentro de casa.

Mas sabe que mais, leitora?

Esse medo, esse esconder nas sombras, a sensação constante de que temos de viver a vida como forasteiras à margem da sociedade?

### **Comigo não.**

As coisas eram assim com elas e compreendo por que motivo tinham tanto receio. É claro que compreendo. Mas mais uma razão para eu afirmar:

«Este é o *meu* tempo. Esta é a *minha* hora.

Chega de me esconder nas sombras.

Chega de tentar encontrar uma palavra diferente e mais consensual para o que sou.

Sou uma bruxa.

Sou uma mulher poderosa.

Sou uma fonte sagrada.

Uma força.

Da Natureza».

**Se está a ler isto, se pegou neste livro, então é também o seu tempo.  
É tempo de despertar as bruxas.**



É uma mulher a ganhar raízes.

Uma mulher a lembrar/recordar.

Uma bruxa a despertar.

**«Não decidi tornar-me bruxa.**

**Recordei que o era.»**



Vivemos numa época em que a palavra «bruxa» está cada vez mais longe do seu antigo significado — quando evocava imagens de vassouras e verrugas —, sendo agora um sinónimo do empoderamento feminino.

Lisa Lister abre portas para todo um novo e profundo conhecimento de si, leitora, enquanto mulher. Leia tudo de uma ponta à outra ou utilize este livro como ferramenta de adivinhação... faça como achar melhor, até porque o propósito desta obra não é o de ensinar como «deve» ser, mas acender a faísca de reconhecimento e recordação no seu âmagô e corpo.

Aqui vai encontrar inúmeras explicações, ferramentas e dicas, abrindo uma panóplia de possibilidades para se iniciar nesta arte ou continuar a ser a bruxa que sempre foi. Pode discordar de alguns aspetos e concordar com outros. Não se preocupe, faz parte. Está tudo do seu lado, sobretudo porque os feitiços mais poderosos e eficazes serão aqueles criados por si.



**«Este livro é uma resposta ao facto de,  
durante vários séculos, as mulheres terem sido  
perseguidas devido ao seu poder.»**



**FAROL**  
a luz da sua vida

20|20 editora

ISBN 978-989-668-663-5



9 789896 686635

Esoterismo